



“Orgulho de ser nordestino”. Uma análise dos modos de dizer o sujeito nordestino e os seus modos de subjetivação.

“Orgulho de ser nordestino”. An analysis of the ways of saying the northeastern subject and their ways of subjectivation.

“Orgulho de ser nordestino”. Un análisis de los modos de decir el sujeto nordestino y sus formas de subjetivación.

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8670789

Evandra Grigoletto¹
UFPE

Fabiele Stockmans De Nardi²
UFPE

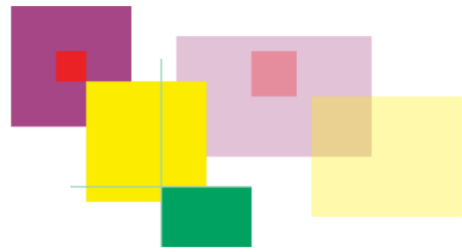
Resumo

Ao analisar tanto discursos de orgulho como de preconceito aos nordestinos, objetivamos compreender, neste artigo, os modos de dizer o nordeste e o nordestino que sustentam tais discursos. Como forma de recortar esses discursos, nosso corpus foi construído a partir da escuta de sujeitos nordestinos acerca dos modos de significação de dois enunciados: “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino”. Ancoradas na Análise de Discurso com filiação em Pêcheux, observamos, a partir das análises, como os sujeitos entrevistados, ao falarem sobre esses dois enunciados, se subjetivam e, ao mesmo tempo, mobilizam sentidos cristalizados de dizeres já sedimentados socialmente sobre o “ser nordestino”. No jogo entre o orgulho e o preconceito, agitam-se as redes de memória, a filiação ideológica pela repetição-reestruturação-desestabilização de sentidos já dados.

Palavras-chave: Ser nordestino, subjetivação, memória.

1 Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Pesquisadora 2 do CNPq. Líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1458-0491>.

2 Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Vice líder do Núcleo de Estudos em Prática de Linguagem e Espaço Virtual. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7083-1999>.



Abstract

By analyzing both discourses of pride and prejudice towards Northeasterners, we aim to understand, in this article, the ways of saying the Northeast and the Northeastern that sustain such discourses. As a way of cut these discourses, our corpus was built from listening to Northeastern subjects about the ways of meaning of two statements: “orgulho de ser nordestino” and “tinha que ser nordestino”. Anchored in the Discourse Analysis with affiliation in Pêcheux, we observed, from the analyses, how the interviewed subjects, when talking about theses two statements, subjectivize themselves and, at the same time, mobilize crystallized meanings of sayings already socially sedimented about the “being Northeastern”. In the game between pride and prejudice, memory networks and ideological affiliation are stirred by the repetition-restructuring-destabilization of meanings already given.

Keywords: Being Northeastern, subjectivation, memory.

Resumen

Mediante el análisis de los discursos de orgullo y prejuicio con relación a los nordestinos, se busca en este artículo comprender los modos de decir el nordeste y los nordestinos que sostienen estos discursos. El corpus de análisis que permitió el acercamiento a dichos discursos se constituyó a partir de la escucha de los sujetos nordestinos con relación a los modos de significar de dos enunciados: “orgulho de ser nordestino” y “tinha que ser nordestino”. Fundamentado en la teoría del análisis del discurso pecheutiano, este artículo se dedica a la observación de cómo al hablar sobre los dos enunciados anteriormente mencionados se subjetivan los sujetos encuestados a la vez que movilizan sentidos ya puestos, los cuales aparecen como sedimentados socialmente con relación al “ser nordestino”. En un juego entre orgullo y prejuicio, se agitan las redes de memoria y la filiación ideológica mediante la reestructuración-desestabilización de sentidos ya puestos.

Keywords: Ser nordestino, subjetivación, memoria.

1. Introdução

Partindo da proposta do dossiê, intitulado *Cartografias do imaginário: história, língua e processos de subjetivação no Nordeste brasileiro*, de pensar os processos de subjetivação e as designações de/sobre o Nordeste e o nordestino, nosso objetivo, neste artigo, é compreender os modos de dizer o nordeste e o nordestino, analisando tanto discursos de orgulho como de preconceito aos nordestinos, a partir da escuta dos próprios sujeitos nordestinos/as. Como forma de recortar esses discursos, nossa escuta foi guiada por dois enunciados – “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino” - de modo a observarmos como os próprios nordestinos significam e se subjetivam em relação a esses dizeres.

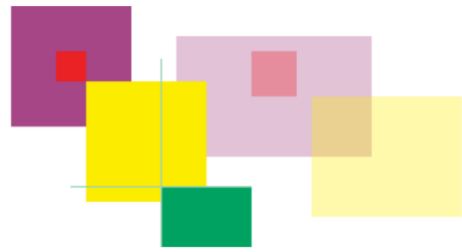


Dessa forma, acatando a lição de Pêcheux de que é preciso ouvir o ordinário dos sentidos (PÊCHEUX [1983], 1997) e promover uma escuta social (HERBERT [1966], 2011), debruçamo-nos sobre materialidades em que aquele que enuncia, seja para dizer de si ou para dizer o outro, ancora seu discurso sobre a memória do dizer, sempre caracterizada por um jogo de forças entre regularização e desregulação (PÊCHEUX [1983a], 1999). Nesse jogo, vão se mobilizando sentidos já cristalizados, agitando as redes de filiação ideológica pela repetição-reestruturação-desestabilização de dizeres já sedimentados socialmente sobre o “ser nordestino”. Para tanto, partimos da compreensão de que a possibilidade de enunciar para o sujeito está ligada ao fazer-se sujeito pelo simbólico (ORLANDI, 1999), ou seja, subjetivar-se, processo que inevitavelmente se dá no encontro com o outro, ou, como bem formulam Magalhães e Mariani (2010, p. 395) “está atravessado pela materialidade significante do outro”.

Para darmos conta dessa discussão, dividimos este artigo em duas partes. Na primeira, vamos retomar a discussão teórica, a partir da Análise do Discurso (AD) com filiação em Michel Pêcheux, sobre os processos de subjetivação e sua relação com as filiações ideológicas, o discurso e o sujeito. Na segunda parte, num movimento dialético entre teoria e análise, trabalharemos com os dizeres de sujeitos nordestinos, quando colocados diante do desafio de falar sobre o significado dos enunciados “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino”. Expressões que se colocam para esses sujeitos, ao mesmo tempo, como evidentes e extremamente opacas e que dizem da sua forma de pertencimento a um determinado grupo, a uma determinada região, o nordeste, já tão carregada de sentidos.

2. Processos de subjetivação, identificação e discurso

Pertencer, reconhecer(se), saber-se sujeito, produzir sentidos, fazer-se ouvir, ser compreendido. Pelo viés da identificação, se fala, em AD, desse processo necessário de constituição do sujeito do discurso pelo qual se produz a possibilidade de fazer sentido, de colocar sentidos e sujeitos em rede. Todo movimento de tomada da palavra implica, para o sujeito, a inscrição necessária numa rede de discursos e em suas memórias que vão entrelaçando os sujeitos e o seu dizer nesse jogo de constituição que se faz pela língua(gem),



materialidade sempre opaca, tecido resistente no qual vão se tecendo sujeitos e sentidos prenhes de memória.

O trabalho sobre o processo de interpelação ideológica, tal como entendido por Althusser (2008), faz ver a relação constitutiva entre sujeitos e ideologia, numa direção em que, pela interpelação ideológica, todo indivíduo se faz sujeito concreto, ao mesmo tempo em que é por e para os sujeitos que existe ideologia. Ao falar sobre esse indivíduo sempre-já um sujeito, o autor nos convida a pensar na criança, que antes mesmo de nascer, já vai sendo dita enquanto sujeito (sempre-já sujeito) de uma configuração ideológica familiar específica, movimento que vai se repetir, sem cessar, para assim se constituírem os sujeitos pela ideologia religiosa, jurídica, política....

As ideologias não cessam de interpelar os sujeitos como sujeitos, “recrutar” sempre-já sujeitos. Seu jogo sobrepõe-se, entrecruza-se, contradiz-se sobre o mesmo sujeito, sobre o mesmo indivíduo, sempre-já (várias vezes) um sujeito. Cabe a ele se virar... (ALTHUSSER, 2008, p. 215).

O processo de interpelação, nos moldes de Althusser, vai colocar os sujeitos, interpelados, numa relação especular com o Sujeito, que os interpela. Isso leva o autor a falar da “estrutura duplamente especular da ideologia”, que “garante, simultaneamente”:

- 1) a *interpelação* dos indivíduos como sujeitos;
- 2) o *reconhecimento* mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e o reconhecimento do sujeito por si mesmo; e
- 3) a *garantia* absoluta de que tudo está bem assim: Deus³ é realmente Deus, Pedro é realmente Pedro e, se o submetimento dos sujeitos ao Sujeito for realmente respeitado, tudo decorrerá da melhor forma para eles: serão “recompensados”. (ALTHUSSER, 2008, p. 218).

Ao trazer a noção de interpelação ideológica para a sua teorização, Pêcheux (1975) vai defender, referindo os trabalhos de Althusser e Lacan, que tal processo “se realiza através do complexo das formações ideológicas”, lembrando-nos que essa subordinação ao Outro se faz sob a forma da autonomia, pelo esquecimento daquilo que determina o sujeito, resultando no efeito-sujeito como “*interior sem exterior*” (PÊCHEUX [1975], 1997, p. 163). É, portanto,

3 Os exemplos aqui utilizados referem-se à exemplificação feita por Althusser, para melhor explicar a “estrutura formal de toda a ideologia”, a partir do funcionamento da ideologia religiosa.



nos mostra Pêcheux, pela identificação do sujeito com a Formação Discursiva (FD) que se produz sua interpelação e, com ela, as evidências sobre o sujeito e os sentidos.

O sujeito do discurso, ao contrário de confundir-se com o indivíduo, é uma posição no discurso; o indivíduo, então, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, é convocado a ser sujeito e, portanto, a ocupar o seu lugar no emaranhado de discursos. A interpelação, assim, põe o sujeito diante do histórico e do simbólico e determina-o: ao regular o que pode e deve ser dito por meio da ilusão necessária do sujeito como origem de seu dizer (PÊCHEUX, 2009a). (DE NARDI; NASCIMENTO, 2016, p. 82).

A identificação do sujeito com a FD, na escrita de Pêcheux, vai sendo pensada a partir das diferentes modalidades de subjetivação que fazem trabalhar, no processo de interpelação-identificação, modos diversos de o sujeito se relacionar com o Sujeito que domina essa FD. Ao falar sobre identificação, portanto, em AD, vamos pensar num processo complexo, cheio de nuances, que se produz, ao menos, de três formas diversas - identificação, contra-identificação e desidentificação -, a que arriscamos acrescentar uma multiplicidade de possibilidades entre um pólo e outro que nos levam a entender que o assujeitamento-interpelação, pensado a partir de Althusser, aponta para a determinação do sujeito, mas não para um determinismo, que o transforme em um “autômato”, como bem lembrou Pêcheux ([1975], 1997, p. 297). A insistência em considerar a contradição e a falha como constitutivas do processo de interpelação ideológica propõe um olhar para os sujeitos e os processos de identificação em uma pluralidade que não acaba nunca de se realizar, mostrando que esse processo pelo qual o sujeito se constitui em sua relação com os saberes de uma FD implica sempre um lugar de resistência, movência, transformação; um enfrentamento que não cessa de se produzir e que se dá sobre a própria matéria opaca e resistente desta constituição que é a língua(gem). O pensamento de Pêcheux, especialmente em suas retificações, faz trabalhar o heterogêneo como constitutivo das formações ideológica e discursiva, apontando, como bem afirma Gregolin (2006, p. 128), para a “contradição no processo de identificação.”

Ao pensarmos sobre os modos de dizer o nordeste e os nordestinos e como, na relação com esses discursos, os sujeitos se subjetivam, acabamos por tocar tanto nos movimentos de identificação, quanto naqueles que se referem aos processos de individuação dos sujeitos pelo Estado, dos quais tão bem nos fala Orlandi (2012). Ao tratar dessa questão, Magalhães e Mariani (2010, p. 393) comentam que o movimento pendular de que nos fala Orlandi “supõe uma inscrição no simbólico, nas leis do simbólico, ou seja, na linguagem enquanto lugar de produção de sentidos, no qual a história e a cultura intervêm”.



Ao propor compreender a questão pelo viés da leitura lacaniana, as autoras vão falar sobre o processo de entrada do sujeito na linguagem pelo qual se tornam possíveis os movimentos de identificação e individuação, mostrando-nos que:

Falar implica incluir o lugar de onde se fala e a fala do Outro – lugar do simbólico –, mesmo que isso não seja transparente para o sujeito. Falando, o sujeito não está em simbiose com o mundo. Ao entrar na linguagem e ao estabelecer uma distância entre as palavras e as coisas, distância necessária para constituição da subjetividade, o sujeito se vê submetido ao funcionamento de uma estrutura linguística, ou seja, encontra-se submetido a uma estrutura de linguagem, por um lado, e a sentidos já constituídos na historicidade e na memória, por outro. (MAGALHÃES, MARIANI, 2010, p. 393).

Subjetivação, interpelação, individua(liz)ação estão imbricados nesse modo de compreender os sujeitos e sua constituição no/pelo discurso, apontando para identificações simbólicas, nos termos de Zoppi-Fontana (2017), no plural, que, no caso do corpus sobre o qual nos debruçamos, vão fazer trabalhar as condições de produção e a memória que constituem um discurso sobre o nordeste e o nordestino. Consideramos, portanto, com Magalhães e Mariani (2010, p. 405) o processo de subjetivação como algo que

[...] se inscreve necessariamente na ordem histórico-social, recebendo da ordem social e cultural os rituais que administram modos de ser e de estar em dada formação social. Nesses rituais – “encenação, teatralização, ficção”, nos termos de Legendre (2001) – o subjetivo e o social se interpenetram e se marcam na linguagem.

Em trabalhos anteriores, nos aproximamos desse imbricamento entre o subjetivo e o social, a partir do que chamamos de figuras identitárias (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2013), noção que nos permitiu explorar como figuras históricas-folclóricas, sobre as quais se tecem narrativas múltiplas, podem vir a funcionar como “espaços de identificação do/para os sujeitos que fazem parte dos grupos sociais de que elas são representativas” (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2013, p. 200). Se, por um lado, as figuras resultam de uma repetição do dizer pela qual se faz seus contornos e se perpetua sua existência, por outro, nos discursos de atualização dessas figuras, foi possível perceber que às identificações sempre plurais em relação a essas figuras subjaz uma luta intensa sobre a memória, uma luta ideológica pelos sentidos que se querem “manter” como memória e que afetam sobremaneira a construção das subjetividades em seu tempo.



Entendemos, portanto, que é possível dizer que esses processos fazem ver o caráter material do sentido e sua vinculação com os processos de interpelação ideológica, ao trazer à tona, ao mesmo tempo, a necessidade de o sujeito, para ser sujeito, inscrever-se numa rede de dizeres encontrando um lugar a partir do qual seja possível enunciar, e, por outro, o fato de que toda tomada da palavra traz consigo a possibilidade de desestruturação-reestruturação dessa rede, já que “[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (PÊCHEUX [1983b], 1997, p. 56): redes de memórias e trajetos sociais, dos quais nos fala Pêcheux.

Vejamos como esses processos e essas redes de memórias e trajetos funcionam no modo de subjetivar-se do sujeito nordestino.

3. O “ser nordestino” dito por nordestinas e nordestinos

Para refletirmos acerca dos discursos sobre o “ser nordestino”, partimos, como já mencionado, de dois enunciados – “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino” -, os quais circulam em vários espaços e se inscrevem em materialidades diversas. Da rede às ruas, esses dois enunciados⁴ podem apontar para diferentes efeitos de sentidos, constituindo-se em modos desse sujeito nordestino se subjetivar. Como nos diz Pêcheux ([1983b, 1997, p. 53). todo enunciado “é intrinsecamente suscetível de tornar outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]”, funcionando como “uma série, (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.” No caso dos enunciados em análise, podemos dizer que eles constituem, entre outros, os elementos de saber de uma rede de sentidos, de uma memória da nordestinidade. Pode-se, a partir deles, percorrer uma rede de outros enunciados, com formulações que, muitas vezes, apontam para sentidos contraditórios. O nordestino, ao afirmar o seu orgulho de pertencer a essa região do país e identificar-se com seus diferentes

4 Estamos tomando aqui enunciado, a partir do entendimento de Courtine ([1981] 2009, p. 100) que caracteriza os enunciados a partir de uma dupla dimensão: a horizontal/intradiscursiva e a vertical/interdiscursiva. À primeira dessas dimensões ele chama de nível da formulação, a qual é representada graficamente por [e], e à segunda de nível do enunciado, grafado por [E]. Assim caracterizados, Courtine entende que os enunciados constituem os elementos do saber próprio a uma formação discursiva (FD).



elementos culturais, responde, ainda que inconscientemente, a um discurso outro, já muito repetido e cristalizado, que foi construído sobre o nordeste e os nordestinos.

Esse discurso, no que poderíamos chamar de sua vulgarização, aponta para uma inferiorização desse espaço e dos sujeitos a ele identificados a partir da circulação de estereótipos e preconceitos que fazem do nordeste a terra da fome, da seca, da miséria, do rural-arcaico e, conseqüentemente, do nordestino, aquele que, desprovido de recursos materiais e intelectuais, é enredado por esse espaço que o oprime e limita. Salvam-se, quiçá, as belas praias, a música, a cultura; essa última não raro apresentada num tom de folclorização que tende a revelar certa ignorância sobre esse espaço heterogêneo, plural, tão “brasileiro” nas contradições que o constituem. Um discurso que não acaba nunca de se dividir, de mostrar suas lacunas, de tentar se fazer verdade na busca de uma impossível identidade unificada, seja para o regional, seja para o nacional, conceitos tão problemáticos em sua afirmação.

Ao retomar o trabalho de Albuquerque Júnior (2011), dissemos, em Grigoletto, De Nardi e Galli (NO PRELO), que o imaginário sobre o nordeste de que nos fala o autor “é parte do dispositivo complexo de uma memória no interior do qual se negociam os sentidos sobre o nordeste, o nordestino, a nordestinidade”. Se os modos de dizer o “ser nordestino”, como pudemos observar no referido trabalho, fazem vir à tona diferentes formas de subjetivação, também neles ecoam resquícios desse

[...] nexos de conhecimento e poder que cria o nordestino e, ao mesmo tempo, o oblitera como ser humano. O Nordeste não é recortado só como unidade econômica, política ou geográfica, mas principalmente como um campo de estudos e reprodução cultural baseado numa pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33).

Uma série de práticas regionalizantes, mostra-nos o autor, vão inventar o nordeste. E os nordestinos não são apenas objetos dessas práticas, são sujeitos; delas participam das formas mais diversas, fazendo ver a complexidade do conjunto de discursos pelos quais se produzem as identificações. Pensando na direção proposta por Zoppi-Fontana (2017, p. 64), ao tratar das identificações de gênero, entendemos que é possível considerar, também, em relação ao nosso *corpus*, que vamos nos deparar com “discursos nos quais os indivíduos são tomados como alvo de um processo de subjetivação gerando, ao mesmo tempo, um saber e um modo de falar sobre si”.



Procurando fugir das armadilhas tão bem exploradas pela escrita de Albuquerque Júnior (2011), as quais poderiam nos levar a buscar uma “verdade” sobre o nordeste numa luta contra o estereótipo mentiroso, nosso gesto de leitura do *corpus* que estamos analisando vai na direção de processos sempre plurais pelos quais se produzem os movimentos de subjetivação. Não nos é possível ignorar, no entanto, que se, por um lado, nosso *corpus*, que é recortado de entrevistas realizadas com sujeitos nordestinos, pressupõe a consideração de uma temporalidade alargada que remete ao processo longo e complexo de invenção do nordeste, ele também responde, em suas condições de produção mais imediatas, a uma série de manifestações de ódio contra os nordestinos, que ganham vulto especialmente a partir do período das eleições presidenciais de 2014. Importa ressaltar, no entanto, que discursos estereotipados sobre o nordestino e o nordeste sempre existiram, trabalhando na direção de uma inferiorização-desumanização desses sujeitos; discursos que, no seu limite, permitem um dizer que alude ao extermínio do outro, objeto do ódio. Vejamos, então, como esses sentidos, que estão enredados numa memória da nordestinidade, ressoam nas falas dos nossos entrevistados.

3.1. “Orgulho de ser nordestino”: algumas análises

Voltando a um dos nossos enunciados, que tomamos como ponto de partida, podemos nos perguntar o que se retoma e o que se apaga, quando o sujeito enuncia o “orgulho de ser nordestino”?

O sentido dominante, que circula socialmente, a partir da inscrição desse enunciado em camisetas, letras de músicas, grupos de Facebook, em *hashtags*, em vídeos do You Tube e nas mais diferentes manifestações artístico-político-culturais, aponta para a vinculação do sujeito nordestino a coisas positivas, vindas de diferentes elementos da sua cultura: o seu jeito de ser, de falar, de agir, de se comportar, a sua arte, a sua música, a sua dança, os seus hábitos culinários, as belezas naturais da sua região, entre outros. Mas também aponta para um sujeito que resiste às mais diferentes adversidades, aos mais diferentes sofrimentos, a exemplo da seca e da fome. Assim, a necessidade de afirmação do orgulho de reconhecer-se nordestino, de pertencer a um determinado grupo, a um determinado lugar, inscreve, nessa formulação, sentidos pré-construídos sobre esse sujeito e a região que ele habita, “como se esse elemento já se encontrasse aí”, por efeito da interpelação ideológica, conforme propõe Pêcheux ([1975], 1997, p. 99).



Vejamos como esses sentidos são reafirmados na fala de sujeitos nordestinos que fomos ouvir, a fim de promover uma escuta social⁵ (HERBERT [1966], 2011). Com a palavra, o sujeito nordestino:

SD1: É orgulho de fazer parte, de compor um grupo de pessoas, certo?, *fortes, guerreiras, batalhadoras* que se destacam em nosso país. (ENTREVISTADO 1)⁶.

SD2: Significa *a reafirmação de nossas raízes, de olhar pra nossa ancestralidade* e ter orgulho disso, reconhecer a nossa história, olhar pra nossa história, pra os povos, nossos ancestrais, no decorrer do tempo, e ter orgulho disso. (ENTREVISTADA 2)

SD3: [...] ⁷ acho que *porque muitos nordestinos sofrem muito preconceito né? fora do Nordeste*. É incrível isso porque dentro do Brasil, sofremos preconceito do nosso próprio país. Do mesmo jeito que têm as *lutas de orgulho LGBT, orgulho de ser negro, orgulho nordestino também é importante*. (ENTREVISTADA 3)

SD4: [...] acho que significa uma *luta*, porque, por *causa da xenofobia, né?*... “orgulho de ser nordestino” *é uma luta pra..* contra essa xenofobia, uma *luta pra nos aceitarmos* [...] quando sofremos preconceito, quando dizem que sermos quem somos é *ruim*, nós internalizamos isso [...] “ai meu Deus, eu sou nordestina, isso não é legal, eu queria ser sulista”, por exemplo. Mas quando temos resistência contra isso, positivamos: “*sim, eu sou nordestina e isso é maravilhoso, eu tenho uma língua maravilhosa*” (ENTREVISTADA 4)

SD5: Acho que, justamente, por os outros Estados, *o restante do Brasil ver a gente com um olhar tão negativo*, é fundamental você tá sempre impondo que você tem orgulho de ser nordestino, que você tem *orgulho de fazer parte de uma história, de um povo*. [...] porque justamente as outras pessoas veem os nordestinos em geral como um *povo medíocre, burro, que não sabe ler ou escrever...*(ENTREVISTADA 5)

5 Essa escuta foi realizada a partir de entrevistas em vídeos que fizemos com nordestinas e nordestinos, de diferentes classes e formações sociais, no âmbito do projeto de extensão, por nós coordenado, chamado ESCUTAS. O material produzido para esse projeto pode ser visualizado no perfil do Instagram @Escutas_, e também no canal do You Tube: <https://www.youtube.com/channel/UCzPMPVZVkwWPifZo65EnHJ7w>.

6 Os itálicos são grifos nossos para indicar marcas linguísticas que serão retomadas nas nossas análises.

7 As reticências entre colchetes [...] remetem a cortes que produzimos das falas dos nossos entrevistados. Já as reticências sem os colchetes indicam pausas, hesitações na fala dos entrevistados.



SD6: quando eu ouvi essa expressão, eu era criança [...] isso era um slogan, inclusive de um slogan publicitário, vinculado a uma rede de supermercado e, no final, eles falavam nisso: orgulho de ser nordestino [...] essa foi a primeira vez que eu ouvi falar nessa frase [...] pra mim, eu acredito que, na época, memórias de criança, vinha muito disso [...] de que o nordeste era esse local geográfico e, *nessas identificações, com esses elementos culturais, a terra da macaxeira, da carne seca né, que não é a carne seca, da charque, né, do bolo souza leão, agora do cuscuz, do bolo de rolo, da fala não é*, inclusive, nunca representada na mídia [...], mas sempre distorcida...então, não havia ainda pra mim, até havia, mas eu não percebia, eu não enxergava isso, esse contraponto tão nítido entre nordeste e entre sul e sudeste [...] a mídia, a TV, o jornal, as representações da novela, na teledramaturgia, sempre era essa exaltação, né, da pessoa do sul [...] era sempre essa fala, esse sotaque representado, e era muito curioso porque quase não via, e se víamos, nos víamos representados, enquanto nordestinos nesses espaços, era sempre num local *subserviente*, num local sempre menor e num protagonismo menor né? [...] e a gente foi crescendo também aqui no nordeste com essas referências, com as referências regionais do sul e do sudeste. (ENTREVISTADA 6)

As sequências discursivas (SDs) que compõem o recorte acima trazem a resposta dos nossos entrevistados ao seguinte questionamento: “Já ouviu falar na expressão “orgulho de ser nordestino”. O que ela significa pra você?” Num primeiro olhar, observamos que todos os entrevistados se sentem orgulhosos por serem nordestinas/os, identificando-se ideologicamente com os sentidos que esse enunciado carrega. Chama-nos a atenção, no entanto, que apenas dois dos seis sujeitos entrevistados buscam definir o sujeito nordestino a partir desse orgulho e o que ele representa em termos de identificação cultural (SD1: *É orgulho de fazer parte, de compor um grupo de pessoas, certo?, fortes, guerreiras, batalhadoras* que se destacam em nosso país; SD2: *Significa a reafirmação de nossas raízes, de olhar pra nossa ancestralidade* e ter orgulho disso, reconhecer a nossa história...). Por um lado, marca-se a singularidade do sujeito nordestino a partir de características (*fortes, guerreiras, batalhadoras*) comuns a esse “conjunto de pessoas”. Por outro, em SD2, o orgulho é dito pelo viés da reafirmação de determinados elementos histórico-culturais, que remetem às *raízes, à ancestralidade* e à *história* do povo nordestino, mas que ficam na ordem do não-dito pela entrevistada, aquilo que “todo mundo sabe” (PÊCHEUX [1975], 1997, p. 161) sobre o sujeito nordestino, e que se produz como evidência, mascarando os efeitos ideológicos que



funcionam nestes modos de dizer o nordeste e o nordestino, já bem sedimentados na memória histórica: é preciso reafirmar nosso orgulho de ser nordestino, resgatando elementos da nossa história de luta, das nossas raízes, que sempre remetem a pessoas fortes, guerreiras etc. Como já destacamos acima, sob a evidência daquilo que todos sabem, apaga-se, para o próprio sujeito nordestino, o que justifica a necessidade de reafirmação do orgulho, por um lado, e, por outro, as condições de produção dessa tão repetida força, projetada como um valor, entre outros, dessa gente que, “apesar de tudo”, resiste. São tantos motivos para sentir orgulho que ele se coloca como transparente para o sujeito. Trata-se de um vazio cheio de sentidos que aponta para a retomada de características ancestrais, passadas de geração em geração, que a entrevistada não sabe muito bem quais são. Assim, esses dizeres funcionam fazendo laço na memória sobre a nordestinidade, que aponta sempre para a *força* do nordestino, que encontr(a)ou guarida em diferentes manifestações culturais, a exemplo da definição encontrada na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”⁸ Do cotidiano para a literatura, o cinema, as telas de TV, as pinturas etc, o nordestino é exaltado como forte, batalhador, como um sujeito capaz de resistir às mais diferentes adversidades.

Nas direções de sentidos que vimos se delinear pelo efeito “palavra-puxa-palava”, força, coragem e resistência dizem a nordestinidade, fazendo ressoar a opressão, o abandono, o preconceito; numa outra direção, a alegria, a agonia, o caráter acolhedor diz desse particular-coletivo que envolve um “apesar de”, um falar de si que não acaba nunca de fazer torção com o falar do outro, de se desdobrar. (GRIGOLETTO, DE NARDI, GALLI, NO PRELO)

Isso, por um lado, pode explicar o “orgulho de ser nordestino”, mas também pode mascarar muito preconceito e apagar a luta política de classe em que esses sujeitos estão imersos e de que são produto, fazendo vir à tona um discurso de resistência que coloca cada indivíduo como “um batalhador”, que precisa, apesar das adversidades “da vida”, seguir lutando. Então, nesse jogo entre o que se diz, o que se exalta e o que se esconde, se silencia, foi/vai se construindo um imaginário sobre o “ser nordestino”, calcado numa memória já sedimentada sócio-historicamente, que remete “para algo que aparece como elemento

8 Não dispomos aqui de espaço para fazer uma discussão mais aprofundada sobre o deslizamento que acontece, nessa definição de Euclides da Cunha, de nordestino para sertanejo. Mas entendemos que esse é um sentido dominante que circula em discursos sobre o nordeste, os quais tomam o sertanejo como metonímia de nordestino, assim como o sertão como metonímia do nordeste. Produzem-se, assim, formulações que são tomadas como evidentes, a exemplo do “nordeste como lugar da seca e da miséria”, apagando-se toda a diversidade cultural e geográfica da região.



intrínseco a essas existências que se podem abarcar sob o rótulo nordestino, numa busca, ao mesmo tempo particular e coletiva, de algo que estaria na raiz desse *ser*.” (GRIGOLETTO; DE NARDI; GALLI, NO PRELO).

Nas próximas SDs, observamos como alguns sentidos que são tomados como evidentes, que ficam na ordem do “todo mundo sabe” nas primeiras duas SDs, aqui são significados de outra forma, apontando para esse discurso de orgulho como resposta a discursos preconceituosos e xenofóbicos sobre o nordestino.

Nas SD4, SD5 e SD6, embora apareçam elementos da cultura (SD4: eu tenho uma língua maravilhosa; SD5: orgulho de fazer parte de uma história, de um povo; SD6: nessas identificações, com esses elementos culturais, a terra da macaxeira, da carne seca né, que não é a carne seca, da charque, né, do bolo souza leão, agora do cuscuz, do bolo de rolo, da fala não é) para falar sobre o orgulho de pertencer a essa região do país, o sentido dominante que ecoa das falas das nossas entrevistadas é aquele que remete à divisão entre os estados do Sul, Sudeste e do Nordeste, e que coloca os primeiros numa relação de superioridade em relação ao último. E dessa divisão, que é geográfica, mas sobretudo um efeito da ideologia que funciona na/pela linguagem, resultam os discursos preconceituosos, xenofóbicos que impõem aos nordestinos alguns rótulos: é ruim ser nordestino (SD 4), povo medíocre, burro, que não sabe ler ou escrever (SD 5); a fala, o sotaque nordestino como algo estereotipado, sempre representado de forma distorcida pela mídia; o sujeito nordestino como subserviente, como alguém que não pode ocupar lugares de destaque e não possui protagonismo (SD 6).

Nessas falas, entendemos que o “orgulho de ser nordestino” se apresenta como um discurso de resistência ao modo como esse sujeito é visto pelo outro, sobretudo pelas outras regiões do país. Como nos ensina Pêcheux, as resistências podem se dar de diferentes formas:

não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litânias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras (PÊCHEUX [1982], 1990, p. 17)

Portanto, nesses depoimentos, ao dizerem de si, ao falarem sobre o “orgulho de ser nordestino”, esses sujeitos resistem a discursos xenofóbicos e preconceituosos que, como já



pontuamos, os colocam num lugar de subalternidade. Resistem pela língua, pelo discurso, distorcendo o sentido de orgulho e fazendo vir à tona que a reafirmação do orgulho é uma *luta*. Assim, parece-nos que, diferente do funcionamento das primeiras SDs (SD1 e SD2) desse bloco, aqui não há um apagamento da luta do sujeito nordestino, mas a própria expressão “orgulho de ser nordestino” é interpretada pelas nossas entrevistadas como forma de resistência. Funciona como um “falar quando se exige silêncio”, como nos diz Pêcheux na citação acima.

Em SD4, quando a entrevistada reafirma seu pertencimento a esse grupo de pessoas (*sim, eu sou nordestina e isso é maravilhoso*), e fala da sua língua (*eu tenho uma língua maravilhosa*), traz isso como um exemplo da luta pela aceitação de ser nordestina, uma luta contra a xenofobia. Interessante ainda notar que há uma pausa, representada pelas reticências (*é uma luta pra...*) para que ela consiga definir que luta é essa. Assim, entre a hesitação para definir que luta é essa e a necessidade de positivar seu pertencimento a essa identidade regional, como forma de subjetivação, mas também de resistência, funciona um efeito de apagamento do político que marca essa divisão entre ser sulista e ser nordestino: o sotaque do sulista⁹ é bonito, o sotaque do nordestino é feio, ser sulista é bom, ser nordestino é ruim, ser sulista é ser privilegiado, inteligente, ser nordestino é ser menosprezado, ser burro.

Esses e outros enunciados que circulam socialmente constroem uma naturalização sobre essas identidades regionais, produzindo como efeito ideológico sentidos que carregam muito preconceito e desconhecimento sobre a cultura e os modos de ser dessas regiões, sobretudo em relação ao nordeste. Produz-se, assim, uma homogeneização de culturas que são extremamente heterogêneas.

Voltando ainda à afirmação da entrevistada sobre a sua língua, a língua nordestina, que é *maravilhosa*, observamos como, de algum modo, essa afirmação responde ao que nos diz a outra entrevistada (SD6) sobre a representação *sempre distorcida* da fala do nordestino na mídia. E é distorcida porque funciona, nesses espaços, muitas vezes, como sinônimo de chacota. Ao dizer *eu tenho uma língua maravilhosa* (SD4), como forma de reafirmação de sua nordestinidade, o sujeito mostra, ao mesmo tempo, essa língua dividida e heterogênea, que não acaba nunca de se fazer outra sob o véu da unidade, ao mesmo tempo em que diz de

⁹ É importante destacar que o sentido dominante sobre sulista, que circula aqui na região nordeste, é o que inclui nessa categoria todos os habitantes da região sudeste e sul do país.



uma língua *maravilhosa* que ela tem (ou que a tem...) e que é a própria matéria dessa identificação que vai positivar uma sonoridade, uma sintaxe, um modo de dizer tão coletivamente particular que se apresenta como um modo de resistir, quando se quer calar essa língua nordestina, fazer dela motivo de chacota. A língua pela qual o sujeito se subjetiva, pela qual o nordestino deseja se ver representado, não num *local subserviente*, mas em local de destaque, em local que lhe é de direito pelo seu protagonismo, pela sua cultura, pela sua história, que é marcada de contradições e constitutivamente heterogênea.

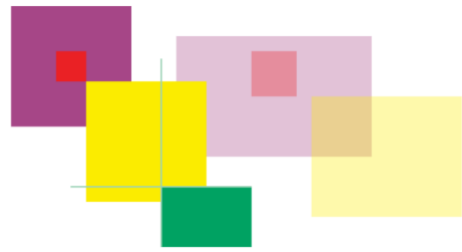
Para além da língua e do sotaque, historicamente, as referências que foram sendo impostas aos sujeitos nordestinos foram as *do sul e do sudeste*, como bem destaca nossa entrevistada em SD6, marcando os efeitos dessa divisão que, mais do que geográfica, é uma divisão social, que separa os ricos dos miseráveis, os que devem ser exaltados dos que devem ser sub representados, os inteligentes dos burros etc.

O orgulho como luta também é destacado em SD3, quando a entrevistada fala da importância de outras lutas, como o *orgulho de ser negro*, do *orgulho LGBT*, comparando-as ao *orgulho de ser nordestino*, que se apresenta como uma forma de responder ao preconceito sofrido dentro do próprio país, vindo de outras regiões. Assim, ao falar de si, do seu orgulho e da sua luta, responde a um discurso preconceituoso vindo do outro, que não é nordestino.

Observamos que, nesse bloco de SDs, mas também no próximo, vai se delineando uma forma do sujeito subjetivar-se, que se dá, como já dissemos na introdução deste texto, no encontro com o outro. E esse encontro com o outro - o outro sujeito, o outro sentido, o discurso outro - vai se construindo sempre ancorado numa memória sobre o “ser nordestino” e numa relação tensa entre o eu/nós (os sujeitos nordestinos) e o eles (os não nordestinos, os sulistas). Ao mesmo tempo em que o nordestino é dito pelo outro/por eles como um sujeito subalterno, o **eu** precisa resistir a esse discurso preconceituoso. Vejamos como esse jogo se produz no próximo bloco de análises.

3.2. “Tinha que ser nordestino”: outras análises

Como vínhamos dizendo, embora entendamos que, nos enunciados que compõem nosso *corpus*, ressoem discursos que se foram tecendo nesse tempo alargado de invenção do nordeste, o enunciado “Tinha que ser nordestino”, de modo especial, solicita um olhar para as condições de produção mais imediatas em que ressurgem com força os discursos



estereotipados sobre o nordestino e o nordeste que se produzem na direção da ofensa, da humilhação, do ódio.

Menezes (2019), em sua pesquisa de mestrado, analisa um conjunto substantivo de postagens no Twitter, durante o período de eleições presidenciais em 2014, mostrando-nos a avalanche desse discurso de ódio que, entre outros aspectos, remete à *nordestização*, noção que a autora trabalha a partir de Albuquerque Júnior (2011), e que, em suas palavras:

[...] se mostra como resíduo de um país dividido ideológica, política e culturalmente. Ela ecoa nos movimentos separatistas e na própria “sulinização” que norteia políticas públicas e econômicas do país. Para além da ordem territorial, esta divisão produziu um imaginário sobre o Nordeste e o nordestino, que está inserida no próprio discurso nacional, ou seja, na forma como dizemos o Brasil. A nordestização é determinante dos discursos, por isso está inserida no discurso fundador sobre o país. (MENEZES, 2019, p. 87).

Ainda que o artigo que ora escrevemos não tenha como foco a discussão sobre o discurso de ódio, compreendemos que essas discursividades, de alguma forma, afetam os dizeres que compõem nosso *corpus*, fazendo vir à tona, entre outros movimentos, um discurso do orgulho como necessidade urgente de resistir, conforme pudemos observar na SD3 anteriormente analisada. Como nos diz França (2019, p. 252), “se odeia a partir de uma posição, da projeção imaginária de um lugar comum”, e esse lugar comum que se torna objeto de ódio demanda, então, algo que o reafirme, num movimento de resistência que ressignifica o dizer de ódio para positivá-lo, mostrá-lo a partir de outros olhares. Mas não se pode ignorar que esse discurso de ódio deixa marcas naquele que dele é objeto e nos modos de dizer o seu lugar e a si. Vejamos algumas sequências produzidas a partir do questionamento sobre o enunciado “tinha que ser nordestino”.

SD 7: Infelizmente, no contexto em que essa frase quase sempre é encaixada, ela vem de uma forma preconceituosa, né? Quando a gente escuta de alguém “tinha que ser nordestino”, ela não é dirigida à pessoa de uma forma de elogio, de uma forma de crédito (??) e sim de uma forma preconceituosa que, infelizmente, não deveria acontecer. Mas eu acho que isso a gente não pode dar muita importância e, como eu disse, a gente tem que valorizar e ter orgulho do que a gente é, e não dar importância muito para o que as pessoas falam. [...] o nordeste fez parte do crescimento do nosso país [...] podemos cidades do sul, como SP, que foram construídas através do suor, através das mãos calejadas de muitos nordestinos. Então, o nordestino é um símbolo



de garra, e que deveriam ser bem vistos em todo o país. Talvez, infelizmente, ainda não seja por essa questão de muitas linguagens políticas, ao decorrer dos anos, que vem separando nordestinos de sulistas, e eu acho que isso não pode acontecer...eu acho que nós somos brasileiros, devemos ter orgulho da nossa região, devemos ter orgulho do que a gente é, e sermos tratados iguais em qualquer canto. (ENTREVISTADO 1)

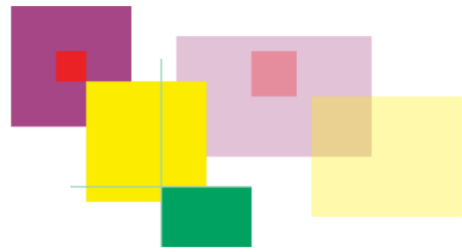
SD 8: eu acho que é uma expressão que traz um estereótipo muito xenofóbico, é você olhar pra pessoas, indivíduos e não enxergá-lo como indivíduos; é vc colocá-los numa caixinha e denominar, tipo, tinha que ser nordestino, nordestina...é tudo assim. Nordestino tinha que ser daquele jeito. *Então, vc não enxerga pra aquele grupo como indivíduos, vc enxerga como uma caixinha que vc denominou..então, é muito estereótipo e xenofóbico* ao mesmo tempo. (ENTREVISTADA 2)

SD9: essa expressão, eu acho que ela é muito usada por pessoas preconceituosas, que não vêem o valor do Nordeste no Brasil. Então, por exemplo, eles acham que, no Nordeste, tem muita gente burra, muita gente sem escolaridade... *peessoa sem escolaridade não significa que é burra*, mas eles associam a isso. Eles falam “tinham que ser nordestino” *para querer rebaixar a nossa cultura, querer rebaixar o nosso povo.* (ENTREVISTADA 3)

SD10: *depende da entonação de quem falar essa palavra; normalmente, essa palavra vem carregada de xenofobia* né? (ENTREVISTADA 4)

SD 11: acho que é justamente, em todo o lugar vai existir gente ruim e gente boa. Você pegar alguém que é nordestino e generalizar que todo mundo do nordeste é daquela forma é hipócrita [...] não dá pra generalizar e dizer “tinha que ser nordestino”, tá fazendo coisa errada... (ENTREVISTADA 5)

SD 12: ela geralmente tá num local de extrema violência né [...] extremamente pejorativo, pra mim, ela passa a se aliar a esse discurso, a um discurso totalmente enviesado, preconceituoso, não é, e de muito pouco conhecimento histórico.[..] Essa expressão vem muito arraigada nisso, de um desconhecimento também histórico, de uma fala extremamente preconceituosa [...] primeiro, ela não nos coloca como humanos, ela nos define, então ela vem a princípio, ela nos coloca primeiro num local, antes de você chegar, o seu local fala por você, pra essas construções mentais, do ponto de vista do preconceito [...] então, pra mim, isso é extremamente forte,



extremamente, pra mim, inaceitável, intolerável discursos que estão alinhados a esse tipo de pensamento, sabe, porque eles não nos coloca como identidade humana. É também como outros tipos de opressão, é como a opressão racista, é como a opressão também com relação ao gênero, com relação às opções sexuais... é outro tipo de opressão. [...]Ele tira completamente, ele nos esvazia de sentido, ele nos esvazia de humanidade [...] esse termo, pra mim, tá muito relacionado a isso. (ENTREVISTADA 6)

O conjunto de sequências que recortamos acima, trechos das respostas dos nossos entrevistados acerca da significação do enunciado “Tinha que ser nordestino”, trazem em comum a reiteração de que tal dizer aponta para o preconceito, o estereótipo, a xenofobia. Essas palavras comparecem, de alguma maneira, como possibilidade de interpretação desse dizer para esses sujeitos, um gesto de leitura comum que aponta para uma direção de sentidos que se coloca como dominante (SD7 - *Infelizmente, no contexto em que essa frase quase sempre é encaixada, ela vem de uma forma preconceituosa, né?*). Ainda que, em SD10, se faça alusão a uma possível dependência da interpretação à “entonação” que se possa dar à frase, a construção “*normalmente, essa palavra vem carregada de xenofobia né?*”, reafirma o dizer como uma ofensa. Parece-nos interessante, nesse sentido, observar que a pausa que marca a passagem de uma afirmação à outra, feita sem marcas mostradas de oposição, permite-nos dizer que o “normalmente” se sobrepõe à suposta dependência; afirmação de reconhecimento de uma recorrência que regulariza a relação entre a enunciação desse dizer e sua interpretação como um ato xenófobo, reconhecimento para o qual o sujeito busca confirmação, ao interpelar o entrevistador com um “né”. Embora se possa dizer que esse marcador discursivo funcione, muitas vezes, no sentido de imprimir ritmo à fala, determinando, por exemplo, a troca de turnos no processo de interlocução, muitas vezes “esvaziados de significado referencial e do contorno interrogativo da pergunta que o originou” (FREITAG, s.d), entendemos que, nesse caso, o *né* aponta para o que Freitag, Silva e Evangelista (2017, p. 59) caracterizam como uma “função interpessoal relacionada à expressão de atitude do falante”, apontando, na interlocução, para momentos em que “o interlocutor avalia as posições pessoais do locutor”.

Em nossa leitura, a presença dessa forma adverbial em SD10 marca a necessidade de afirmação do dizer pela assunção de uma “verdade” que por ele se produz, verdade que pressupõe a asseveração de uma recorrência que, pesem as possíveis exceções, aponta para um dizer que ofende, reduz, culpabiliza o outro. Trata-se de um dizer sentido como um



discurso de *extrema violência né [...]*, como vemos em SD12, em que esse discurso vai sendo qualificado como pejorativo, enviesado, preconceituoso e *de muito pouco conhecimento histórico*, qualificações construídas por meio de um dizer em que um não saber sobre o nordeste é o que permite dizer o nordestino a partir desse lugar de (des)conhecimento que se produz como violência.

Desconhecimento e ignorância se colocam, então, como o alimento do preconceito, solo fértil em que se produzem os discursos de inferiorização do outro pelos quais se diz do outro - reduzido, humilhado, desumanizado por esse dizer -, mas pelos quais o enunciador diz de si, segundo apontam as sequências para as quais olhamos, diz de um não saber que se expressa como agressão. Entendemos que é nessa direção que se constroem os comentários sobre o enunciado “Tinha que ser nordestino” em boa parte de nosso *corpus*, apontando para uma recorrência, nos dizeres desses sujeitos que se reconhecem como nordestinos, e, portanto, como alvos do preconceito e da agressão que se materializam pelo enunciado em análise, pela qual se devolve ao que enuncia as razões do seu preconceito. Nesse sentido, aquilo que produz o preconceito é o olhar “enviesado” e “ignorante” daquele que enuncia, sujeito de um desconhecimento que é o motor desses dizeres que são considerados *hipócritas, generalizantes, reducionistas*. Trata-se de dizeres da ordem do *inaceitável, intolerável*, como vemos em SD12, quando, ao enunciar, a entrevistada aponta para o efeito desses discursos sobre aqueles a quem eles se dirigem, dizendo que se trata de discursos que esvaziam a humanidade daqueles sobre quem dizem: *nos coloca como identidade humana inaceitáveis*.

Nas SDs que analisamos, vemos, há um forte reconhecimento e uma denúncia do preconceito que está arraigado a esse modo de dizer, uma reiteração de que o enunciado em análise funciona como uma fórmula - “Tinha que ser X” -, na qual, no lugar de X, poderíamos ter qualquer outro complemento, como por exemplo, “Tinha que ser mulher”, “Tinha que ser negro”, entre tantos outros. A fórmula, como mostramos em trabalho anterior (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2019. p. 209), “funciona nos modos de um *slogan* que se inscreve numa memória coletiva que é o que dá suporte à sua repetição.” A estabilidade formal da fórmula, neste caso repetida pela sua estrutura sintática (tinha que ser...), é a responsável por produzir, pelo viés da memória, um efeito de cristalização do sentido que, no caso em análise, generaliza determinados grupos de sujeitos, reduzindo-os a uma condição de subalternidade. As formas nominais que funcionam como complemento dessa fórmula têm como referentes, no nosso

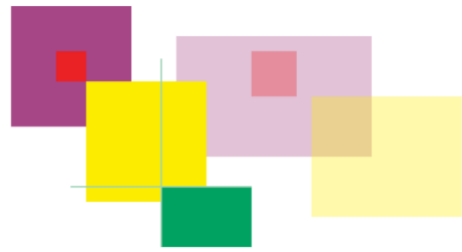


gesto de leitura, coletivos sempre estereotipados, conjuntos de sujeitos sempre ligados a uma anterioridade que os identifica com algo negativo, sujeitos que são colocados pelo outro numa “caixinha”: pode ser a região de onde veio, a cor da sua pele, seu gênero, os vínculos familiares etc.

É interessante perceber, nessas sequências, que a forma de resistir a esse discurso que se materializa em “Tinha que ser nordestino” se dá, predominantemente, pela desqualificação desse dizer, atribuindo-se ao outro e ao seu desconhecimento a possibilidade de assim dizer, o que não se faz, necessariamente, da mesma forma. Se por um lado, temos uma predominância de uma divisão entre nós e eles - nós, os nordestinos; eles, que nos atacam - divisão que se apoia, como vemos em SD7, *nessas linguagens políticas, ao decorrer dos anos, que vem separando nordestinos de sulistas*, em SD8, e mais fortemente em SD12, os depoimentos de nossas entrevistadas ampliam esse olhar ao reconhecer, como dissemos acima, um modo de dizer que se materializa pela fórmula, com seus efeitos. Se em parte das sequências é um falar sobre o nordeste que se coloca como foco, centrando-se o dizer dos sujeitos sobre o enunciado em um jogo entre interlocutores em disputa, em SD8 e SD12 entendemos que é um falar sobre o preconceito como algo fundado na ignorância, no desconhecimento e no reducionismo que vai se construindo. Se distancia, portanto, essa argumentação, de um “nós” e “eles” perfeitamente identificados e identificáveis, para colocar em causa o funcionamento de uma expressão que, materializando esse discurso de desqualificação do outro, produz violência, fere, reduz, desumaniza.

Não poderíamos deixar de comentar, ainda que brevemente, o interessante efeito que se produz em SD7 pela marcação da pessoa na construção do dizer, o que se constrói pelo uso das formas pessoais “a gente”, “eu”, “eles”, “nós” e/ou por formas verbais que lhe sejam correspondentes. Vejamos outra vez recortes da SD7:

[...] Quando *a gente* escuta de alguém “*tinha que ser nordestino*” [...] Mas *eu* acho que isso *a gente* não pode dar muita importância e, como *eu disse*, *a gente* tem que valorizar e ter *orgulho do que a gente é*, e não dar importância muito para o que as pessoas falam. [...] Então, o *nordestino* é um símbolo de garra, e *que deveriam ser bem vistos* em todo o país. [...] *eu* acho que isso não pode acontecer...*eu* acho que *nós somos brasileiros*, devemos ter *orgulho da nossa região*, *devemos ter orgulho do que a gente é*, e *sermos tratados iguais em qualquer canto*. [...]



“A gente”, aqui, parece incluir aquele que fala, e seu interlocutor, não necessariamente um nordestino - *quando a gente escuta* -, mas, logo na sequência, “a gente” remete aos nordestinos, que, recomendados a não dar importância ao que se diz por meio do enunciado que é objeto de discussão, *tem que valorizar e ter orgulho do que a gente é*. Pode-se, assim, dizer que, embora ‘a gente’ possa incluir o interlocutor, que é chamado a concordar com o que se diz e, portanto, não faria parte desse “eles” que dizem sobre o nordestino, “a gente” e “eu” apontam, aqui, para aquele que se identifica como tal. Na sequência desse dizer, no entanto, desloca-se essa identificação “nordestino”, associada ao “eu”, e se passa a falar do nordestino como uma terceira pessoa. Ao defender o nordeste como parte fundamental da construção do Brasil e de seu crescimento, e os nordestinos enquanto aqueles cujo suor garantiu não só o desenvolvimento de sua região, mas de *idades do sul, como SP, que foram construídas através do suor, através das mãos calejadas de muitos nordestinos*, o sujeito de SD7 fala do nordestino em terceira pessoa - *o nordestino é um símbolo de garra, e que deveriam ser bem vistos em todo o país*. Por esse deslize, se afasta o sujeito desse lugar de identificação como o ser nordestino para olhar(se) de fora para aqueles que deveriam ser bem vistos, voltando a enunciar a partir de um nós que já não é mais nordestino, mas brasileiro - *nós somos brasileiros, devemos ter orgulho da nossa região*. Mais do que uma simples troca entre formas da língua, entendemos que funciona aqui a própria divisão do sujeito no jogo complexo das identificações, mostrando como, ao dizer de si como um outro, faz ver como os discursos sobre o ser nordestino se imbricam, o atravessam, tensionando uma vez mais esse movimento das complexas e plurais identificações.

4. Considerações finais

Ao produzir a escuta social dos sentidos ordinários que circulam sobre o ser nordestino, buscamos compreender, neste artigo, como os próprios sujeitos nordestinos significam dois enunciados que se inscrevem na memória sobre a nordestinidade: “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino”. Para tanto, realizamos entrevistas, no âmbito do projeto de extensão Escutas, para ouvir o que nordestinos e nordestinas tinham a nos dizer sobre tais enunciados.

Recortamos, para análise, trechos de entrevistas realizadas com seis sujeitos, representando diferentes regiões do Estado de Pernambuco (Recife e região metropolitana,



Agreste e Sertão), a partir dos quais constituímos nosso *corpus*, composto de doze sequências discursivas (SDs).

Observamos, a partir das análises realizadas, algumas regularidades em termos de funcionamento discursivo, as quais apontam para efeitos de sentido que se produzem em algumas direções, quais sejam:

1. ao falar sobre o sentido dos enunciados "orgulho de ser nordestino" e "tinha que ser nordestino", os sujeitos dizem de si, do seu modo de pertencer a uma região e de se reconhecer como sujeitos dessa cultura, mas o fazem sobretudo a partir do dizer do outro: o que se diz/dizem sobre o sujeito nordestino;
2. nesse jogo entre o eu/nós (os nordestinos) e o eles (os outros que dizem sobre o nordeste e o nordestino) ecoam sentidos cristalizados na memória sobre o "ser nordestino" e que, de forma dominante, colocam esses sujeitos numa condição de subalternidade;
3. marca-se, nesse jogo, a divisão entre nordestinos e sulistas como algo que extrapola os limites geográficos e se constitui, sobretudo, pelo social;
4. os efeitos ideológicos dessa divisão produzem uma homogeneização do "ser nordestino", apagando toda a diversidade e contradição que fazem parte da cultura nordestina;

Essas direções de sentido atravessam os modos de subjetivação dos sujeitos entrevistados, produzindo identificações que são da ordem do simbólico. No jogo entre sentir orgulho de ser nordestino e lutar contra o preconceito e a xenofobia vindas do outro, os dizeres aqui analisados agitaram as redes de memória sobre o "ser nordestino", produzindo resistência, mas também reproduzindo muitos dizeres já arraigados, historicamente, sobre esse sujeito, a ponto de uma das pautas da luta ser a aceitação de ser designado como "nordestino/a".

Como efeito de fechamento deste texto, deixamos a escuta de um trecho da fala de uma das nossas entrevistadas que, em nossa leitura, aponta para a necessária (re)inscrição da luta política de classe em que esses sujeitos estão imersos e do qual ecoa o sentido sobre a construção e/ou invenção do nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009): "[...] não são elementos naturais, eles partem de um discurso, eles partem de um pensamento e de uma construção sobre o que é o nordeste e o que vem a ser o nordestino" (ENTREVISTADA 6).



Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. A invenção do nordeste e outras artes. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

COURTINE, J.-J. [1981] **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. de Patrícia C. R. Reuillard *et al.* São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

DE NARDI, F. S.; NASCIMENTO, F. A. S. do. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na Análise de Discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, PR, n. 19/2, p. 80-103, Londrina, dez. 2016. DOI: 10.5433/2237-4876.20161948p80.

FRANÇA, T. A. Refletindo sobre o sujeito do discurso de ódio e tomadas de posição pela ingenuidade e pelo cinismo. In: In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. da (org.) **Sujeito, sentido, resistência**: entre a arte e o digital. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 249 - 267.

FREITAG, R. M. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! Anais do IV Senal. Disponível em http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE_IV/IV_SENALE/Raquel_Meister_Ko_Freitag.htm#_ftn1. Acesso em: 14 ago. 2022.

FREITAG, R. M. K.; SILVA, R. B. da; EVANGELISTA, F. R. de S. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. **Diacrítica**, Minho, Portugal, n. 1, vol. 31, 2017. DOI: [10.21814/diacritica](https://doi.org/10.21814/diacritica). Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/32>. Acesso em: 14 ago. 2022.

GREGOLIN, M. R. **Pêcheux e Foucault na análise de discurso**: diálogos & duelos. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

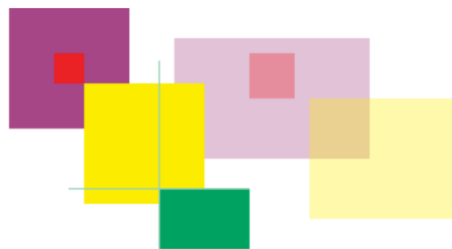
GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.S. Identificação, memória e figuras identitárias: a tensão entre a cristalização e o deslocamento de lugares sociais. **Gragoatá**, Niterói, RJ, n. 34, p. 197- 213, 1 sem. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32967/18954>. Acesso em: 16 ago. 2022.

GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. Entre o apagamento e o esquecimento: trajetórias de memória do enunciado “somos todos petroleiros”. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. da (org.) **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 201 - 220.

GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; GALLI, F. C. S. “Ser nordestino”: modos de dizer, modos de significar. **Interfaces**, Guarapuava, PR, no prelo.

HERBERT, T. [1966]. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. Trad. Mariza Vieira da Silva e Laura A. Perrella Parisi. In: PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2ª Ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 21-54.

MAGALHÃES, B.; MARIANI, B. Processos de identificação e subjetivação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391- 408, maio/ago. 2010. DOI: [10.1590/S1518-76322010000200008](https://doi.org/10.1590/S1518-76322010000200008). Disponível em:



https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/450/470. Acesso em: 14 ago. 2022.

MENEZES, A. V. de. Nordestino na rede: discurso de ódio e disputa de sentidos no Twitter nas eleições 2014. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: [s.n.], 2019.

ORLANDI, E. **Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In. ORLANDI, E. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012, p. 213-135.

PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. [1982] Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 19, jul./dez, p. 7 -24, 1990.

PÊCHEUX, M. [1983a] **Papel da memória**. In: ACHARD, P. *et al.* Trad. e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49 - 57.

PÊCHEUX, M. [1983b] **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, n. 12(18), p. 63 - 71, 2017. DOI: [10.22456/2594-8962.79457](https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457>. Acesso em: 15 ago. 2022. van, 2005 (1982), p.9-48.